

Arte e Cultura na Educação Não Formal: a Busca de Conciliação entre Apolo e Dionísio

Renata Bittencourt

Itaú Cultural – São Paulo

Cada vez que nos propomos ao encontro com nossos pares em uma situação como a proposta por este encontro internacional organizado pela Pinacoteca do Estado de São Paulo, surge a oportunidade de compartilhar reflexões. Na verdade, o que ocorre é mais do que isso. O convite nos induz a uma pausa. Provoca-nos ao distanciamento do cotidiano propiciando a reflexão sobre o que realizamos. Atividades regulares, ações consolidadas e projetos experimentais se ordenam diante dos nossos olhos vaidosos, querendo ser escolhidos para a exibição como exemplo de nossos sucessos. Surge o desejo de mostrar, sem modéstia, aqueles trabalhos de que nos orgulhamos e que talvez possam fazer surgir faíscas na mente de outros, do mesmo modo como muitas vezes a escuta de colegas nos traz valiosos insights. Mas o que se apresenta como uma possibilidade ainda mais proveitosa é deter o olhar sobre as zonas de incerteza e lançar aos ouvidos amigos as perguntas que nos perseguem e nos estimulam a seguir.

Comecei a dar passos imaginários para trás, na busca de distanciamento, de um ângulo que trouxesse um ponto de vista lúcido sobre as realizações que na imersão do dia a dia perdem a nitidez de contornos. A imagem a surgir mais firme como definidora da área de educação do Itaú Cultural é a da equipe e de seus entusiasmos. A fatura cuidadosa do trabalho que surge das mãos de indivíduos tão diferentes entre si, e que se materializa no encontro de seus talentos e habilidades. A energia que sobe em espiral movimentando pesquisa, criação e construção. O grupo gera impulsos e movimentos na direção de públicos diversos: crianças, adolescentes ou adultos; educadores, jovens artistas ou pesquisadores. Que compromissos temos como grupo renovado constantemente por meio da prática, constituindo nossas convicções mais

sólidas? Que desafios tem se colocado diante dos olhos dessa equipe com mais frequência? Quais dentre estes desafios parecem ser os mais desaforados, a nos mostrar a língua descaradamente?

Pensei nos educadores que atuam junto ao público das exposições a inventar dinâmicas, a exercitar seus pontos de interrogação na ambição de implantar contextos de diálogo e participação no intervalo breve de uma hora e meia. Veio-me a mente também o Educador Art.ficial, assim mesmo com o ponto no meio da palavra, conteúdo em mp4 que acompanha os visitantes em suas visitas pelas exposições. Lembrei-me das oficinas como as de vídeo para crianças e adolescentes do projeto Rec Play. Pequenos videastas de câmeras em punho percorrendo a exposição Helio Oiticica inventando pequenas novelas, filmetes de arte abstratos, enfim suas histórias e impressões. Pensei também nas reações de curiosidade e deleite de quem tem assistido aos espetáculos de dança contemporânea concebidos especialmente para crianças, um público que deve ultrapassar três mil pessoas em 2010.

Que desafios encontramos morando atrás de cada uma dessas ações? Que territórios ocupamos, nós educadores do campo da educação não-formal com essas realizações? E talvez aí surja a pergunta mais importante: que desafios enfrentam hoje os educadores ao se debater nesse campo de batalha onde se encontram museus, instituições culturais e sociais também? Esse exercício de auto-investigação pode localizar convergências, se não nas soluções, talvez nos questionamentos presentes aos atores dessa cena diversificada. Importante dizer que já de cara surge o conforto de não nos sabermos sós.

O Programa Rumos Educação traz em si a perspectiva de observar de perto outros educadores que se disponham a revelar: suas descobertas objetivas e o fruto de suas intuições; suas práticas cotidianas e a materialização de sua sensibilidade; o produto da forja que molda suas ações cotidianas e seus movimentos internos de reflexão e crítica; enfim o programa Rumos Educação quer abrir interlocução com educadores sobre seus modos de trabalho no campo da educação não-formal envolvendo arte e

cultura. Neste programa educadores são convidados a descreverem projetos que desenvolvem utilizando qualquer linguagem artística ou referencial cultural. Os educadores com as práticas mais diferenciadas são contemplados no programa e tem suas estratégias divulgadas. O livro com as experiências estudadas na última edição será lançado em 2011.

Pensar sobre o que desenvolvemos no Itaú Cultural, assim como no que vemos nos projetos desenvolvidos pelos doze indivíduos extraordinários contemplados no programa Rumos Educação propiciaram um devaneio que lançou no ar a idéia da Paidéia, que é a cultura construída a partir da educação na concepção dos gregos. Peço ao leitor não enxergue aqui uma concessão a um clichê pedagógico, mas localizem ali o precioso sentido de educar o individuo para torná-lo apto para a liberdade. Encontrem a beleza utópica de uma educação para o Belo e o Bom, e para a formação de um cidadão perfeito e justo.

Paidéia se traduz por civilização, tradição, cultura, educação, mas na verdade seria a soma dessas coisas, vistas como inseparáveis. Quando se separaram afinal? Paidéia é educação que permeia toda a vida. Quando ela se compartimentou/fragmentou? Tem reparo? Tem conserto? Paidéia traz como significado a possibilidade de um espírito que pode desabrochar e manifestar o que trazia em si como potência. E o que fazem as ações educativas e projetos culturais se não buscar manifestar essa potência? O que movimenta nosso cotidiano se não a busca da conciliação da cultura e da educação com a vida dos indivíduos. Se a produção artística traduz o homem no máximo de suas potencialidades, nosso trabalho seria apresentar obras e linguagens como exemplos das possibilidades criativas intrínsecas ao ser humano. Tratar da produção simbólica seria um modo de propiciar experiências que gerem a conexão entre o que existe de mais elevado em cada indivíduo, aquilo que há de profundo, rarefeito, pungente, cortante, denso, inventivo, e a essência de cada um de nós. É criar um ambiente onde as pessoas possam ser tocadas por outras por meio das obras. Onde o patrimônio infinito de saberes do passado se recorta e se renova para um encontro fresco e

instantâneo com o presente. O encontro se dá em cada um que ali, diante de uma obra, se põe a procurar significados.

Ainda nessa onda grega em que me peguei durante esse exercício de distanciamento, topei com dois deuses. Os literalmente clássicos Apolo e Dionísio. Apolo, filho de deuses, deus da poesia e patrono das musas. Deus do sol possuidor de poderes de purificação e cura. É a representação humana da harmonia, do equilíbrio, da moderação, da paz, e acima de tudo da razão. Com essas qualificações poderia com facilidade tocar suavemente sua lira nas ordenadas e bem iluminadas salas de exposição que conhecemos.

Dionísio, filho de Zeus e da mortal Semele, é outra história. Deus ébrio do vinho está associado à natureza, ao desejo, as paixões, as pulsões e ao êxtase. Onde Apolo é pensamento, controle e ordem, Dionísio é sentimento, irracionalidade e caos. Tenho a impressão que o ideal que hoje podemos vislumbrar para trabalhos educativos poderia contemplar a reconciliação do significado desses poderosos deuses, nos Olimpos particulares onde atuamos.

Se focarmos na atuação de educativos em exposições de arte, talvez se trate de aliar o rigor e a exatidão das informações arduamente pesquisadas sobre a produção cultural, seus códigos, linguagens e contextos, com a possibilidade de fruição viva, quente, que possa conter sustos, arrepios, prazer e perplexidade. Provocar não apenas a compreensão mental do mundo de emoções e pulsões contidas nas obras, mas sim estimular experiências em primeira mão. Talvez as metas sejam: envolver a mente, mas também os sentidos; gerar aprendizado objetivo, mas também deslocamento do já conhecido; estabelecer sentido ao mundo, mas mais do que isso, incitar sua procura em instâncias ainda não descobertas pelo indivíduo.

Acho que nossa competência como arte-educadores de instituições culturais, por exemplo, nos fez apolíneos. Entre as paredes das galerias nossa fala preparada, nossos percursos, nosso entendimento da curadoria, nossas técnicas de mediação nos tornaram aptos e quase infalíveis. Que tudo isso se mantenha com a graça dos deuses,

mas os artistas não criam suas obras para que ensinemos aos outros como as ordenar em prateleiras mentais. As obras podem nascer da embriaguez de um artista que transborda de suas percepções do mundo que o cerca, dos mundos que ele imagina. Conciliar Apolo e Dionísio implica em perceber que o público não deve fruir nossa mediação e sim a obra. Significa que precisamos ter fé na desordem de seu pensamento frente a ela e não apenas buscar ordenar essa relação que mal se inicia entre o indivíduo e o que a obra traduz em sua materialidade e poética. É acreditar que fruição é curiosidade e pode ser torpor. O diálogo com uma obra pode ser uma conversa que contem riscos. E se não houver entendimento? E se não houver interesse? Como educadores damos conta disso?

Por outro lado há projetos educativos que privilegiam o que traz mais perigo, entrega, e Dionísio parece ali se fazer mais presente. O mental não prepondera e a experimentação pode ocupar mais espaço. O prazer, o lúdico e os sentidos são invocados a vivificar a experiência dos indivíduos participantes. Mas Dionísio nem sempre planeja, tampouco está em condições de avaliar o que se passou após cântaros de vinho. Não organiza suas festas de modo estruturado e nem sempre antecipa o que poderá ocorrer no fluxo dos processos, que seguem dinamizados pelos integrantes do grupo. Ele pede o envolvimento momentâneo e em troca apresenta a surpresa do instante em que os pés deixam de tocar o chão, e, portanto não é quem cuida dos passos.

A questão que tento articular aqui diz respeito a como conciliar esses deuses, nessa apropriação da oposição imaginária entre eles inventada por Nietzsche, sem, no entanto a pretensão de compromissos filosóficos profundos. Reconhecendo que as duas instâncias por eles representadas são igualmente vitais, os doze educadores de diferentes partes do país selecionados entre mais de quatrocentos inscritos no edital do programa Rumos Educação do Itaú Cultural, parecem exemplificar o que de melhor enxergam em cada uma dessas polaridades míticas.

Os educadores contemplados no programa realizaram como parte do programa de premiação, viagens em grupo para São Paulo, Bahia, Minas Gerais e Pernambuco para conhecer instituições, educadores, artistas e mestres da cultura popular. Além disso, havia para cada um uma viagem de livre escolha para qualquer parte do país. Enquanto uma educadora foi conhecer o trabalho de educação indígena de Raposa Serra do Sol em Roraima, outra foi para o interior do Ceará conhecer a Fundação Casa Grande de Alemberg Quindins, houve ainda opções por visita a projetos do Rio, desenvolvimento de formação em João Pessoa e investigações na Bienal do Mercosul. Cada um recebeu ainda dez mil reais, duas educadoras foram para viagens de pesquisa em Portugal e uma segue agora para a Espanha. Tudo em nome do deslocamento como estratégia de aprimoramento individual e grupal. Em março de 2011 lançamos o terceiro edital e convidaremos mais uma vez educadores artistas e artistas educadores atuantes em museus e organizações da sociedade civil a revelarem suas estratégias de trabalho.

A observação e a convivência com esse grupo reafirmou em mim a convicção de que Apolo e Dionísio devem cada vez mais ser invocados a caminhar juntos pela superfície da terra, e que cabe a nós educadores chamá-los a isso. Apolo para nos lembrar do rigor e da precisão que deve acompanhar nossas realizações e Dionísio para nos trazer o impalpável. Que isso possa ser feito com o uso daquilo que Einstein apontava ser importante para o desenvolvimento da ciência e que podemos pensar ser ainda mais fundamental para o mundo das artes: a intuição.

Referências

Nietzsche, F. O Nascimento da Tragédia. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

Dewey, John - A Arte como Experiência, in Os Pensadores. São Paulo. Abril. 1974

Educação de saberes, poderes e querer

<http://www.itaucultural.org.br/bcodemidias/000296.pdf>

Não-fronteiras: universos da educação não-formal

Encontro Internacional

Diálogos em Educação, Museu e Arte



<http://www.itaucultural.org.br/bcodemidias/000323.pdf>

Visões singulares, conversas plurais

<http://www.itaucultural.org.br/bcodemidias/000459.pdf>